

Explorando realidades e imergindo no campo: o etnocumentário como ferramenta de pesquisa nas ciências sociais

*Exploring realities and immersing in the field: The ethno-
documentary as a research tool in the social sciences*

Ivo Dias Alves

RESUMO

Este texto apresenta o etnocumentário como uma forma de narrativa para o desenvolvimento de pesquisas nas ciências sociais. Etnocumentário é uma forma de pesquisa que utiliza o audiovisual e que busca retratar a cultura e as práticas de grupos sociais de maneira profunda. Ao unir elementos do documentário tradicional com a etnografia, essa abordagem visa não apenas informar, mas também provocar uma reflexão sobre as identidades e realidades retratadas. Geralmente, os etnocumentários são construídos a partir de imersões na comunidade, permitindo que o pesquisador vivencie o dia a dia dos indivíduos, capturando suas vozes e perspectivas. Um aspecto fundamental desse gênero é sua preocupação em evitar estereótipos e clichês, promovendo uma representação mais autêntica e diversa. Os realizadores frequentemente utilizam técnicas como entrevistas, observações diretas e gravações do cotidiano, dando espaço para que os protagonistas compartilhem suas histórias e tradições. Por meio dessa narrativa visual rica, os etnocumentários convidam o público a um diálogo sobre pluralidade cultural, ampliando horizontes e promovendo a empatia com realidades que, muitas vezes, permanecem invisíveis na mídia e em pesquisas acadêmicas tradicionais. Essa forma

de pesquisa com elementos de arte documental é, portanto, uma ferramenta poderosa para a valorização da diversidade e a promoção da justiça social.

PALAVRAS-CHAVE: Etnodocumentário; Método; Ciências sociais; Pesquisa.

ABSTRACT

This text presents the ethnodocumentary as a form of narrative for the development of research in the social sciences. Ethnodocumentary is a form of research that uses audiovisual and seeks to portray the culture and practices of social groups in a profound way. By uniting elements of traditional documentary with ethnography, this approach aims not only to inform, but also to provoke a reflection on the identities and realities portrayed. Generally, ethnodocumentaries are built from immersions in the community, allowing the researcher to experience the daily lives of individuals, capturing their voices and perspectives. A key aspect of this genre is its concern to avoid stereotypes and clichés, promoting a more authentic and diverse representation. The filmmakers often use techniques such as interviews, direct observations, and recordings of everyday life, giving space for the protagonists to share their stories and traditions. Through this rich visual narrative, ethnodocumentaries invite the audience to a dialogue about cultural plurality, broadening horizons and promoting empathy with realities that often remain invisible in the media and in traditional academic research. This form of research with elements of documentary art is, therefore, a powerful tool for valuing diversity and promoting social justice.

KEYWORDS: Ethnodocumentary; Method; Social sciences; Research.

INTRODUÇÃO

O etnodocumentário é uma forma de pesquisa que utiliza o audiovisual como meio de diálogo com práticas de grupos sociais de maneira sensível e situada. Ao articular elementos do “documentário tradicional” com a etnografia, essa abordagem visa não apenas informar, mas também provocar reflexões sobre as identidades e realidades com as quais se relaciona. Em vez de simplesmente “retratar”, o etnodocumentário propõe modos de convivência e escuta que reconhecem a complexidade das relações entre quem filma e quem é filmado.

Os etnodocumentários são construídos, portanto, a partir de imersões no campo etnográfico, permitindo que o(a) pesquisador(a) vivencie o dia a dia dos indivíduos, com a câmera, o gravador, o microfone na mão.

Um aspecto fundamental desse gênero é sua preocupação em evitar estereótipos e clichês, buscando modos de convivência e escuta que acolham a diversidade das experiências vividas. Por meio de entrevistas, observação participante e gravações do cotidiano, o etnodocumentário procura criar espaços para que os próprios protagonistas compartilhem suas histórias, saberes e modos de viver, sem reduzi-los a imagens fixas ou categorias prévias.

Por meio dessa narrativa visual rica, podemos dizer que os etnodocumentários convidam o público a um diálogo sobre pluralidade cultural, ampliando horizontes e promovendo a empatia com realidades que, muitas vezes, permanecem invisíveis na mídia e em pesquisas acadêmicas mais tradicionais. Essa forma de pesquisa com elementos de arte documental é, portanto, uma ferramenta para a valorização da diversidade e a promoção da justiça social. Assim, este texto busca refletir sobre o etnodocumentário enquanto uma ferramenta narrativa para o desenvolvimento de pesquisas nas ciências sociais.

A interação entre etnografia e audiovisual no formato de etnodocumentários vem se consolidando como uma ferramenta potente nas ciências sociais. Essa abordagem amplia as possibilidades de encontro com modos de vida, permitindo uma escuta mais atenta às dinâmicas, tensões e sentidos produzidos nas relações. Com isso, contribui para aprofundar a análise e enriquecer os estudos sociais contemporâneos, ao trazer à tona modos plurais de existir e narrar o mundo.

O QUE É ETNODOCUMENTÁRIO?

O etnodocumentário é um gênero audiovisual que combina a pesquisa etnográfica com a produção de documentário, isso possibilita

não apenas uma documentação visual das práticas sociais, mas também um espaço para a reflexão crítica sobre as narrativas que se constroem em torno de diferentes modos de vida. Essa forma de documentário busca não apenas se envolver com diferentes realidades, mas também provocar reflexões críticas sobre os sentidos construídos nas relações entre os sujeitos, as práticas e as narrativas que emergem nos processos de pesquisa.

Podemos aqui também apresentar tal método como Etnografias audiovisuais assim como refletem Davel *et al.* (2019, p. 582):

Etnografias audiovisuais referem-se ao uso de tecnologias de registro para gravar imagens em movimento com som. Essas imagens revestem-se de maior complexidade do que as imagens estáticas. A compreensão da vida social é um processo que acontece no decorrer do tempo. A melhor forma de coletar e comunicar informações não estáticas ocorre pelos registros audiovisuais.

Os etnodocumentários envolvem processos de colaboração com as comunidades, permitindo que elas tenham voz ativa e agência em todas as etapas do processo de criação. Isso contrasta com abordagens mais tradicionais de documentário, que podem ser dominadas pelo ponto de vista do cineasta ou do narrador externo. Portanto, é uma forma de documentário que se constrói a partir de encontros com diferentes formas de viver, saber e se relacionar no e com o mundo. Em vez de fixar as culturas ou as tradições a partir de um ponto de vista externo, essa abordagem valoriza os processos, os movimentos e as vozes que emergem nas interações, buscando criar diálogos entre espectadores e os múltiplos modos de existência presentes nas experiências dos grupos sociais envolvidos. Mais do que promover uma compreensão estática das identidades, ela convida à escuta e à valorização da diversidade como dinâmica e em constante transformação.

Os etnodocumentários vão além de simplesmente mostrar realidades ou culturas de forma distante. Eles se abrem para um diálogo com os grupos retratados, que passam a participar de várias etapas da criação – desde as ideias iniciais até a produção final. Com isso, os temas abordados, como rituais, modos de vida, histórias, mitos ou a relação com o meio ambiente, ganham novos significados, construídos em parceria com quem vive essas experiências. Esse tipo de documentário ajuda a evitar estereótipos comuns em produções mais tradicionais e valoriza formas diversas de ver e contar o mundo.

A IMPORTÂNCIA DA ETNOGRAFIA AUDIOVISUAL

A etnografia audiovisual, campo que abrange o etnodocumentário, permite explorar dimensões da realidade frequentemente invisíveis em abordagens tradicionais. Nessa perspectiva, as imagens não são meras representações da realidade, mas tornam-se parte integrante do processo de compreensão. Pesquisas brasileiras, como as de Liendria Malcher Silva (2023), que analisa o documentário *Memórias de Velho* de Carlos Bandeira Júnior, evidenciam como as narrativas audiovisuais podem ser construídas em colaboração com as comunidades, dando voz e agência aos sujeitos representados. Além disso, estudos como o de Gabriel Omar Alvarez (2024), que discute a etnografia audiovisual em contextos xamânicos, ressaltam a importância de práticas reflexivas e colaborativas na construção do conhecimento antropológico. Essas abordagens desafiam a ideia de uma representação objetiva e propõem uma construção conjunta de sentidos, valorizando as perspectivas dos próprios participantes.

Assim, o uso de ferramentas visuais pode ampliar as formas de atenção na análise etnográfica, permitindo acessar certas dimensões sensíveis das experiências e relações sociais que nem sempre se deixam apreender por meio de abordagens exclusivamente textuais.

A etnografia visual é uma abordagem que articula a pesquisa etnográfica com o uso de técnicas visuais – como fotografia, vídeo, desenho, *podcast* e outras mídias – para se envolver com práticas sociais, modos de vida e experiências a partir de outras sensibilidades e formas de expressão. Em vez de representar culturas ou comportamentos, ela propõe experimentações que ampliam as possibilidades de escuta, presença e cocriação no trabalho de campo. Freire (2003) menciona o exemplo do *Balinese Character*, etnocumentário clássico produzido pelos antropólogos Gregory Bateson e Margareth Mead, que conta como os aspectos visuais do comportamento balinês refletem suas crenças e estruturas sociais. Freire (2003) faz uma intersecção entre teoria e prática ao abordar a descrição visual. Um texto dissertativo pode se aprofundar na importância dessa relação para a pesquisa antropológica contemporânea, sugerindo que os antropólogos devem ir além das palavras e utilizar a visualidade como uma ferramenta para melhor compreender e comunicar as complexidades dos modos de vida.

Por meio de imagens, os pesquisadores podem acessar e apresentar as experiências subjetivas dos indivíduos, e isso ajuda a ouvir as vozes das comunidades e a compreender como os participantes de uma pesquisa percebem e interpretam suas realidades.

A etnografia visual também pode provocar uma reflexão crítica sobre as representações culturais, já que as imagens, por serem interpretativas, podem desafiar estereótipos e preconceitos, promovendo um diálogo mais profundo sobre identidade e diversidade cultural.

Em *A invenção da cultura*, Roy Wagner (1975) propõe uma reflexão sobre como o próprio conceito de cultura é uma construção, uma invenção do antropólogo em seu encontro com o outro. Essa perspectiva ajuda a pensar também a etnografia visual como mais do que um simples registro: trata-se de um processo interpretativo, em que imagens e sons participam da construção do conhecimento antropológico. A etnografia visual, como destacam estudiosos como Sylvia Caiuby Novaes

(2001), é uma ferramenta potente para documentar e compreender práticas sociais, rituais e formas simbólicas de interação, especialmente quando é usada de maneira crítica e colaborativa. Para ela, o audiovisual amplia o campo sensível da antropologia, permitindo um contato mais direto com os modos de ver e narrar das próprias comunidades envolvidas.

Além disso, a etnografia visual também pode envolver a participação dos próprios sujeitos da pesquisa, permitindo que eles contribuam para a narrativa visual sobre suas vidas e culturas. Isso não só enriquece a pesquisa, mas também proporciona uma plataforma para a voz da comunidade ser ouvida e representada de maneira mais autêntica.

As criações audiovisuais ainda podem criar arquivos visuais que podem ser utilizados por futuras gerações de pesquisadores e membros da comunidade. Além disso, as abordagens visuais ainda têm um potencial significativo para engajar audiências mais amplas, incluindo aquelas que podem não ter acesso fácil a textos acadêmicos. A etnografia visual pode tornar o conhecimento mais acessível, atingindo públicos variados e estimulando o interesse pelas questões sociais expressas no material produzido.

A etnografia visual é frequentemente utilizada em diversas disciplinas, como Antropologia, Sociologia, Comunicação, Estudos Culturais e Artes Visuais. Essa interdisciplinaridade enriquece a pesquisa, permitindo que diferentes métodos e perspectivas sejam combinados. É por meio da atenção ao que se dá a ver no cotidiano – gestos, corpos, ritmos, espaços – que pesquisadores(as) podem se aproximar das práticas e experiências, cultivando formas de escuta e presença que favorecem o encontro com os sentidos múltiplos das interações, rituais e modos de fazer.

Portanto, a etnografia visual não é apenas uma ferramenta de pesquisa, mas um meio de diálogo, interação e criação com as realidades vivenciadas no trabalho de campo. É por meio da possibili-

dade de criação estética de narrativas que realidades são expressas e podem se tornar ferramentas políticas de engajamento de temáticas marginalizadas.

DIFERENÇAS ENTRE VÍDEO ETNOGRÁFICO E ETNODOCUMENTÁRIO: UM ESTUDO CRÍTICO

Nos últimos anos, os usos de vídeos, fotografias, desenhos e *podcasts* na pesquisa e na representação cultural têm se tornado cada vez mais comum, especialmente em campos como a antropologia. Nesse contexto, é importante diferenciar dois conceitos que, embora relacionados, possuem características distintas: o vídeo etnográfico e o etnocumentário. Ambos buscam registrar e interpretar uma dada realidade, como aponta Roy Wagner (1975), e as práticas sociais de comunidades. Mas o foco, a metodologia e o resultado pretendido podem variar significativamente.

O vídeo etnográfico é frequentemente visto como uma ampliação dos métodos etnográficos convencionais, que tradicionalmente se fundamentavam na observação participante e na compreensão das experiências vividas. A intenção não é apenas registrar, mas criar um processo etnográfico por meio das imagens, no qual os participantes desempenham um papel ativo na construção. Ele se configura como uma ferramenta que vai além do simples registro de comportamentos, práticas sociais e rituais, envolvendo os indivíduos na própria criação da narrativa etnográfica, contextualizando e dando voz às experiências vividas de maneira dinâmica e colaborativa.

Por outro lado, o etnocumentário é frequentemente caracterizado por um enfoque mais artístico ou criativo em comparação ao vídeo etnográfico. Um exemplo claro disso pode ser encontrado nos trabalhos de autores e pesquisadores brasileiros como Eduardo Coutinho e João Moreira Salles, que utilizam técnicas cinematográficas não apenas para registrar a realidade, mas para dramatizá-la e interpretá-la,

incorporando narrativas e estéticas criativas. O etnocumentário, nesse sentido, se afasta da mera observação direta da realidade. Em vez de se limitar a um registro fiel, como no vídeo etnográfico, seu objetivo é evocar emoções, reflexões e até mesmo uma certa poeticidade no público, utilizando recursos cinematográficos como a construção de personagens e a manipulação de tempo e espaço.

O etnocumentário, portanto, pode incluir elementos ficcionais e interpretativos, buscando uma representação mais subjetiva e reflexiva da cultura ou do grupo social retratado. Essa abordagem é evidente em filmes como *Cabra Marcado para Morrer* (1984), de Eduardo Coutinho, que mistura entrevistas reais com uma narrativa dramatizada sobre a vida de camponeses, ou em *Santiago* (2007), de João Moreira Salles, que, embora seja baseado em fatos reais, utiliza um forte caráter interpretativo para reconstruir a história do personagem principal. Assim, o etnocumentário não se limita a apresentar um retrato da realidade, mas a envolvê-la em uma teia de significados e interpretações que transcendem o factual, criando uma experiência mais poética e emocional para o espectador.

Portanto, um etnocumentário pode mesclar a realidade com a ficção e a interpretação, buscando não apenas documentar a realidade de um grupo social, mas também proporcionar uma experiência mais rica e complexa para os espectadores. Essa abordagem permite que o público não apenas aprenda sobre a cultura em questão, mas também sinta e reflita sobre as emoções, histórias e significados subjacentes.

O etnocumentário frequentemente envolve uma narrativa mais subjetiva e reflexiva, onde o autor pode intervir diretamente, criando uma ligação com a própria história apresentada. Essa liberdade narrativa, embora possa enriquecer a obra, também levanta questões sobre a veracidade e a ética do que é apresentado.

Além disso, a questão da audiência também se torna relevante nesta discussão. O vídeo etnográfico é, muitas vezes, destinado a um

público acadêmico ou a outros etnógrafos e pesquisadores, que buscam informações e dados sobre uma cultura específica. Já o etnodocumentário, ao ter uma abordagem mais artística, pode ser projetado para alcançar um público mais amplo, incluindo aqueles que não têm conhecimento prévio sobre a cultura representada. Isso pode resultar em uma maior popularização de temas e questões culturais, mas também pode levar a simplificações ou estereótipos.

As abordagens metodológicas também diferem entre os dois formatos. O vídeo etnográfico muitas vezes se baseia em um processo sistemático de coleta de dados, que é seguido por uma análise rigorosa (Ellis, 2004). Em contraste, o etnodocumentário pode seguir uma abordagem mais livre, onde a pesquisa é mesclada com a criatividade e a poeticidade da narrativa. Essa diferença metodológica reflete as diferentes finalidades de cada formato: enquanto o vídeo etnográfico visa à precisão e à autenticidade, o etnodocumentário busca a expressão artística e a ressonância emocional.

A delimitação entre vídeo etnográfico e etnodocumentário também pode ser observada no tratamento do sujeito. O vídeo etnográfico, geralmente, trata os sujeitos de forma a destacar suas ações e práticas dentro de um contexto cultural específico. O etnodocumentário, por sua vez, pode explorar a subjetividade dos indivíduos, oferecendo um espaço para que suas vozes, sentimentos e experiências se manifestem de maneira mais íntima.

Assim podemos definir que entre o vídeo etnográfico e o etnodocumentário há mais semelhanças do que diferenças. Ambos têm o objetivo de representar culturas de forma audiovisual, focando na experiência das pessoas retratadas. Enquanto o vídeo etnográfico é mais objetivo e voltado para a pesquisa, o etnodocumentário é mais artístico e subjetivo. Porém, os dois buscam entender e mostrar as complexidades da vida humana e das interações sociais. Assim, em vez de se

oporem, esses dois tipos de vídeo se complementam na forma como representam a cultura.

EXPLORANDO A REALIDADE: O ETNODOCUMENTÁRIO NO CAMPO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Os etnodocumentários têm sido utilizados em diversas áreas das ciências sociais, como antropologia, sociologia e comunicação. Eles servem tanto como um método de coleta de dados quanto como um meio de disseminação de pesquisa. Além disso, essa forma de pesquisa possibilita explorar a realidade e o envolvimento do público.

Ao contrário de pesquisas que permanecem restritas ao meio acadêmico, o etnodocumentário pode atingir um público mais amplo, fomentando diálogos e reflexões sobre temas sociais relevantes. Isso se mostra particularmente importante em pesquisas que envolvem comunidades marginalizadas ou sub-representadas.

Os etnodocumentários têm emergido como uma forma criativa de pesquisa dentro das ciências sociais. Essa produção audiovisual combina métodos etnográficos com narrativas documentais, permitindo uma exploração profunda da cultura, costumes e vivências de grupos sociais.

A etnografia tradicional, com seu foco em descrição e interpretação das práticas sociais, ganha novos contornos com o uso de recursos audiovisuais. Segundo Rouch (1993), o etnodocumentário é não apenas um registro da realidade, mas uma abordagem que busca compreendê-la e questioná-la. O diretor francês Jean Rouch é um dos pioneiros nesse formato, utilizando a filmagem como uma extensão da pesquisa de campo, onde a câmera se torna um participante ativo nas interações sociais.

A pesquisa etnográfica, quando traduzida em um formato audiovisual, também enfrenta desafios significativos, tal qual o dilema da re-

apresentação,¹ que precisa ser considerado cuidadosamente. Portanto, o olhar etnográfico deve estar sempre atento às implicações éticas e políticas da representação audiovisual, reconhecendo que a câmera é, em última análise, um mediador que pode influenciar as dinâmicas sociais que busca retratar.

Os etnodocumentários, além de serem ferramentas didáticas valiosas, também se configuram como um importante meio de promoção de diálogos interculturais. No contexto das ciências sociais, essa prática pode ajudar a desnaturalizar estereótipos e preconceitos, ao mostrar a complexidade da vida social de diferentes grupos.

Em um mundo cada vez mais globalizado, os etnodocumentários também servem como um registro valioso da diversidade cultural que corre o risco de ser apagada. A preservação das tradições e maneiras de viver é uma preocupação crescente nas ciências sociais contemporâneas. Isso se alinha à ideia de que a política cultural deve ser praticada não apenas em documentos escritos, mas também em expressões audiovisuais que possam influenciar o sentimento público e a política cultural.

Ao apresentar as histórias de vida e os desafios enfrentados por essas comunidades, os etnodocumentários promovem uma maior empatia e conscientização, motivando assim a transformação social.

Em suma, os etnodocumentários representam uma interface dinâmica entre a prática etnográfica e as narrativas audiovisuais, oferecendo um espaço único para a exploração e expressão das realidades sociais. Eles não apenas ampliam o alcance das pesquisas em ciências sociais, mas também desafiam os pesquisadores a serem mais conscientes de suas posições e responsabilidades éticas em relação às co-

1 A noção de representação em um etnodocumentário está relacionada à forma como as culturas, tradições e experiências de grupos sociais são retratadas e interpretadas. Nesse contexto, a representação vai além da mera documentação de práticas culturais; ela envolve questões de autoria, perspectiva e o impacto que essas representações têm sobre os grupos retratados.

munidades que estudam. A prática de documentar a vida dos outros deve ser feita com sensibilidade, respeito e um compromisso genuíno com a justiça social, transformando o olhar crítico acadêmico em uma ferramenta de mudança social.

IMERGINDO NO CAMPO: PASSO A PASSO DE COMO FAZER UMA PESQUISA ETNODOCUMENTAL

Não foi possível verificar um manual que estabeleça diretrizes sobre como utilizar o etnocumentário ou o documentário etnográfico como método de pesquisa. No entanto, a leitura de autores que refletem sobre essas práticas pode oferecer algumas orientações valiosas para a pesquisa etnocumental.

Por exemplo, no artigo *Dizer-mostrando na experiência de realização de um documentário etnográfico*, Santos (2019) compartilha experiências vividas na produção de documentários, enfatizando a importância da experiência incorporada e da narrativa visual na pesquisa etnográfica. Esse trabalho destaca como a vivência do pesquisador pode enriquecer a narrativa e, consequentemente, a compreensão dos fenômenos sociais.

Araújo (2020), em *O documentário autoetnográfico do projeto Vídeo nas Aldeias*, analisa as produções desse projeto, propondo a categoria de documentário autoetnográfico. Sua discussão abrange os aspectos éticos, estéticos e políticos envolvidos nessa forma de produção audiovisual, oferecendo uma perspectiva crítica sobre a representação de culturas e a voz dos sujeitos retratados.

No artigo *A imagem na pesquisa em psicologia social: um possível encontro da etnografia com o documentário cinematográfico*, Bueno e Zanella (2017) exploram a convergência entre etnografia e documentário cinematográfico. Esse trabalho discute não só as questões éticas e políticas que permeiam essas abordagens, mas também a estética que se coloca ao serviço da pesquisa. Por fim, Borges (2008), em seu

trabalho de conclusão de curso *Documentário etnográfico: reflexões sobre o registro do outro*, aborda reflexões críticas sobre a representação do outro no contexto do documentário etnográfico. Ele questiona a subjetividade e a construção do conhecimento através do filme etnográfico, trazendo à tona debates importantes sobre a responsabilidade do pesquisador na configuração das narrativas audiovisuais.

Assim como apresentado nesses trabalhos, realizar uma pesquisa utilizando o etnodocumentário envolve várias etapas que combinam pesquisa etnográfica e produção audiovisual. O primeiro passo é a definição do tema e dos objetivos, que considera os seguintes elementos:

- Escolha do tema: definindo claramente o assunto que se deseja explorar. Pode ser uma cultura, uma prática social, um grupo específico etc.;
- Objetivos da pesquisa: determinando o que se deseja alcançar com a pesquisa. Isso pode incluir a documentação de uma cultura, a análise de práticas sociais ou a sensibilização sobre um problema específico;
- Levantamento de referências: estudando a literatura existente sobre o tema escolhido. Isso ajuda a fundamentar a pesquisa e a identificar lacunas que o etnodocumentário pode abordar;
- Compreensão teórica: familiarizando-se com conceitos importantes para a etnografia, sociologia e antropologia, que podem ser relevantes para a pesquisa.

Deve-se considerar, ainda, o planejamento da pesquisa, pensando nos seguintes elementos:

- Métodos de coleta de dados, para se decidir quais métodos serão utilizados, como entrevistas, observações, grupos focais etc.;

- Cronograma, que deve ser detalhado com prazos para cada fase da pesquisa.

Outro aspecto importante são questões relacionadas a permissões e ética:

- O consentimento informado é fundamental. Antes de se iniciar a coleta de dados, é preciso obter o consentimento dos participantes, explicando o propósito da pesquisa e como os dados serão usados, é uma etapa sem a qual não se pode prosseguir;
- Considerações éticas devem ser levadas em conta, como privacidade e representação justa do grupo retratado.

A coleta de dados também é uma etapa importante, que considera os seguintes elementos:

- Realização de entrevistas com membros da comunidade ou do grupo estudado, usando perguntas abertas para obter narrativas detalhadas;
- Observações participativas a respeito do cotidiano do grupo, registrando comportamentos, práticas e interações;
- Registro audiovisual, utilizando câmeras, gravadores ou dispositivos móveis para capturar imagens e sons durante a pesquisa.

A análise de dados deve considerar estas etapas:

- Transcrição das entrevistas e organização das anotações de campo;
- Análise qualitativa, identificando temas, padrões e significados nas informações coletadas. A utilização de softwares de análise qualitativa pode facilitar esse processo;

Com o material, tem-se a produção do documentário, que considera as seguintes etapas:

- Roteirização: sintetizando no roteiro as narrativas e os temas principais encontrados na pesquisa;
- Edição: organizando e editando o material audiovisual coletado de forma coesa e clara por meio de técnicas de edição que ajudem a contar a história;
- Animações ou gráficos podem ser incluídos, se necessário, para ilustrar pontos complexos;
- Apresentação e disseminação do documentário produzido;
- Exibição do documentário, organizando uma ou mais sessões de exibição, que podem ocorrer em escolas, universidades ou festivais de cinema;
- Coleta do feedback da audiência e dos participantes sobre a representação feita no documentário;
- Publicação e compartilhamento do documentário em plataformas online ou festivais para alcançar uma audiência maior.

Por fim, como etapa final, tem-se a reflexão crítica, considerando principalmente os seguintes aspectos:

- Avaliação da pesquisa, de modo a refletir sobre as dificuldades e aprendizados do processo. Pode-se considerar como a própria perspectiva pode ter influenciado a pesquisa;
- Documentação das experiências e reflexões, registrando-as para futuras pesquisas, de modo a contribuir para a metodologia do etnocumentário.

DESAFIOS E CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Assim como qualquer pesquisa é necessário seguir critérios éticos e apesar das vantagens, o uso do etnocumentário como ferramen-

ta de pesquisa não é isento de desafios. Questões éticas relacionadas à captação das imagens e ao consentimento informado dos participantes são fundamentais. A ética no etnocumentário é um tema primordial, uma vez que esse gênero se diferencia de outras formas de documentário pela sua ênfase na etnografia e na metodologia de pesquisa em campo, envolvendo o observador não apenas como narrador, mas como um participante ou colaborador na construção da narrativa.

Aqui apresento sete pontos éticos que devem ser considerados importantes e que permeiam o etnocumentário:

1. Consentimento informado: é essencial que os sujeitos representados no etnocumentário compreendam o que está sendo feito, como suas imagens e histórias serão utilizadas, e que possam dar seu consentimento de forma livre e informada. Isso inclui discutir as consequências da representação que será realizada;
2. Captação justa e respeitosa: o pesquisador/etnocumentarista deve se esforçar para capturar as imagens relacionando as práticas observadas de maneira justa, evitando estereótipos e generalizações. A representação deve ser realizada com um profundo respeito pela diversidade cultural e pelas experiências dos indivíduos;
3. Colaboração: um aspecto ético importante é a colaboração com as comunidades filmadas. Isso pode significar cocriação de conteúdos, onde as vozes dos membros da comunidade são ativamente envolvidas no processo de contar suas próprias histórias;
4. Direitos autorais e propriedade intelectual: os realizadores devem respeitar os direitos autorais e a propriedade intelectual das tradições culturais dos grupos representados. Isso inclui reconhecer que muitas expressões culturais possuem

significados profundos e contextos históricos que devem ser respeitados;

5. Impacto social e político: ao documentar comunidades, é crucial considerar o impacto que o filme pode ter sobre elas. A representação pode influenciar percepções sociais, políticas e econômicas, e os cineastas têm a responsabilidade de ser conscientes desse potencial;
6. Sensibilidade cultural: os realizadores devem estar cientes das normas e valores culturais das comunidades ou grupo social que estão retratando e agir de maneira sensível a essas questões. O que pode parecer apropriado em uma cultura pode não ser em outra;
7. Narrativas multiplicadas: É importante reconhecer que não existe uma única narrativa que represente uma cultura. O etnocumentário deve considerar e incluir múltiplas perspectivas dentro da própria comunidade, permitindo um espectro mais amplo de expressões e experiências. Essas questões demandam uma reflexão constante durante todo o processo de produção do etnocumentário.

Os etnocumentários representam uma intersecção rica entre o audiovisual e a pesquisa social, oferecendo uma nova perspectiva sobre a coleta e a análise de dados nas ciências sociais. Como ferramenta, eles podem desafiar narrativas tradicionais, dar voz a grupos diversos e fomentar uma maior conexão entre a pesquisa acadêmica e o público.

Assim, essa abordagem não só contribui para a documentação da diversidade cultural, mas também para uma compreensão mais crítica das realidades sociais contemporâneas.

MODOS DE FAZER E CONTAR NO LABIRINTO: UTILIZANDO O ETNODOCUMENTÁRIO COMO MÉTODO NAS PRÁTICAS DE UMA EQUIPE MULTIPROFISSIONAL EM CUIDADOS PALIATIVOS COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM CÂNCER

A pesquisa etnodocumental desenvolvida no Labirinto – Laboratório de Estudos Socioantropológicos sobre Tecnologias da Vida será realizada com profissionais de uma equipe de cuidados paliativos que atuam com crianças e adolescentes com câncer.

Essa abordagem combina os métodos da etnografia, voltados para a compreensão das práticas e relações sociais, com os recursos do documentário audiovisual, permitindo um registro sensível e reflexivo da realidade vivida por esses profissionais em seu cotidiano de trabalho. O objetivo é compreender, por meio da convivência direta e do registro audiovisual, como esses profissionais lidam com as dimensões emocionais, éticas, técnicas e humanas do cuidado paliativo em contextos pediátricos oncológicos.

Inicialmente, será feito um levantamento bibliográfico sobre cuidados paliativos em pediatria, humanização na saúde, sofrimento e morte, além de estudos que abordam a linguagem documental como ferramenta de pesquisa e comunicação. Esse embasamento teórico fornecerá suporte para a construção do roteiro de campo e para a análise posterior do material coletado.

A etapa seguinte será a inserção do pesquisador no cotidiano da equipe multiprofissional – formada por médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais, entre outros – por meio da observação participante, acompanhando atividades clínicas, reuniões e interações com pacientes e famílias, sempre com o devido cuidado ético, garantindo o consentimento informado e respeitando a privacidade e a sensibilidade do ambiente.

Durante o trabalho de campo, serão realizados registros audiovisuais como entrevistas com os profissionais. Esses materiais servirão

não apenas como ilustração, mas como parte fundamental da produção de conhecimento, permitindo uma abordagem mais rica da realidade estudada. Após a coleta, o material será transcrito, organizado e analisado através do referencial teórico adotado, buscando compreender os sentidos atribuídos ao cuidado, à vida e à morte por esses profissionais, para o desenvolvimento da tese.

A montagem do documentário será uma etapa essencial do processo, em que as imagens, falas e sons serão articulados de forma ética e estética, respeitando a complexidade e a dignidade dos sujeitos envolvidos.

O documentário buscará provocar reflexão e ampliar o debate sobre o cuidado paliativo pediátrico, valorizando o olhar dos profissionais que vivenciam essa prática tão delicada e essencial.

Por fim, a proposta inclui a devolutiva do material finalizado à equipe participante, como forma de reconhecimento, troca de saberes e valorização do conhecimento produzido no cotidiano do cuidado, além de uma divulgação em mostras, congressos entre outros meios de divulgação científica ou não. Assim, a pesquisa etnocumentário se apresenta como uma metodologia potente para investigar, representar e refletir sobre os sentidos do cuidado em contextos marcados pela vulnerabilidade e pela intensidade das relações humanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O etnocumentário, enquanto ferramenta visual para a pesquisa em ciências sociais, emerge como um meio inovador e eficaz para capturar e representar realidades culturais diversas. Uma das principais contribuições dessa abordagem é a sua capacidade de imersão na vida cotidiana das comunidades, permitindo que os pesquisadores não apenas observem, mas também experimentem e compartilhem as narrativas que emergem a partir dessas vivências. Ao integrar a pesquisa etnográfica com a linguagem do documentário, os etnocumentários

promovem uma representação mais rica e multifacetada das culturas, ressaltando a importância das vozes dos sujeitos sociais.

Assim como todo trabalho etnográfico, o etnocumentário envolve uma série de desafios éticos e metodológicos. A construção de relatos audiovisuais deve ser feita com sensibilidade, respeitando a dignidade e a agência das comunidades representadas. A realização de um etnocumentário deve ser abordada como um processo colaborativo, onde o pesquisador atua mais como um facilitador do que como um mero observador. Essa colaboração cria um espaço para a coprodução de conhecimento, em que as vozes dos participantes não apenas se ouvem, mas se entrelaçam em narrativas que cruzam as fronteiras do etnógrafo e do sujeito.

Além disso, a utilização do etnocumentário nas ciências sociais também propicia uma reflexão crítica sobre as práticas de representação. O ato de filmar, editar e exibir um documentário traz à tona questões sobre autoria, poder e a construção da verdade. Sendo que essa discussão sobre regime de verdade e autoria é um tema bastante relevante na antropologia e tem sido abordado por vários autores ao longo do tempo.

A seguir estão alguns dos principais pensadores que contribuem para esse debate: Geertz (1989), em *Interpretação das culturas*, com seu enfoque em “teoria do significado” e na interpretação dos símbolos culturais, também toca na questão da autoria e da representação. Suas ideias sobre como a cultura é uma teia de significados trazem à discussão a questão de quem tem a voz na construção de discursos. James Clifford e George E. Marcus (1986) no livro *Writing Culture*, fundamental para entender a crítica à etnografia tradicional e a reflexão sobre a autoria na escrita antropológica. Eles argumentam que o autor do texto etnográfico deve ser considerado como parte do discurso e da representação.

Tim Ingold, em seus trabalhos, explora como o conhecimento e a prática estão interligados e como a autoria pode ser vista de maneira mais coletiva, contrabalançando a noção de indivíduo solo na etnografia. Em *Antropologia: para que serve?* (Ingold, 2019) ele aborda como a imaginação e a narrativa são centrais para a pesquisa antropológica, refletindo sobre a posição do etnógrafo e as múltiplas vozes na construção do conhecimento. Em *Linhas: Uma breve história*, Ingold (2022) explora a relação entre seres humanos e ambientes naturais, enfatizando a importância das práticas cotidianas e da experiência direta na pesquisa antropológica. É nesse sentido que a ética no trabalho de campo deve ser constantemente reavaliada, promovendo um diálogo aberto com os participantes sobre os objetivos e as implicações da pesquisa.

Outro aspecto relevante é o potencial do etnocumentário para transgredir as barreiras acadêmicas tradicionais, ao alcançar um público mais amplo e diversificado. Por meio da distribuição de filmes documentais em plataformas digitais, o conhecimento gerado a partir das experiências locais pode ser compartilhado com um público global, ampliando o impacto social da pesquisa. A acessibilidade proporcionada pelas novas tecnologias permite que as comunidades tenham voz ativa na disseminação de suas próprias histórias, promovendo um empoderamento que vai além do campo acadêmico.

Em suma, o uso do etnocumentário nas pesquisas em ciências sociais contribui para uma representação mais justa e complexa das realidades culturais. Ao se preocupar com a ética, a autoria e a disseminação do conhecimento, essa abordagem abre novas possibilidades para a pesquisa e o engajamento social. É fundamental que os pesquisadores continuem a explorar as potencialidades do etnocumentário, sempre respeitando as singularidades das culturas e as nuances das narrativas que emergem delas.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Gabriel Omar. Etnografia audiovisual: ouvir o que não se diz e enxergar o que não se vê. **Antropologia Sem Fronteiras**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e do Departamento de Antropologia e Etnologia da UFBA, v. 1, p. e112405, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rasf/article/view/64067>. Acesso em: 3 mai. 2025.

ARAÚJO, Juliano José de. O documentário autoetnográfico do projeto Vídeo nas Aldeias. **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora, v. 15, n. 3, p. 6-25, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/30080>. Acesso em: 19 abr. 2025.

AZEVEDO, L.; QUINTANA, J. **Etnodescobrindo o mundo**: etnodocumentário e suas implicações na pesquisa social. São Paulo: Editora Escrituras, 2016.

BORGES, Rafael de Almeida Tavares. **Documentário etnográfico**: reflexões sobre o registro do outro. 2008. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/items/e78f028b-94a2-4fb3-978e-08fe4eacdc17>. Acesso em: 19 abr. 2025.

BUENO, Gabriel; ZANELLA, Andréa Vieira. A imagem na pesquisa em psicologia social: um possível encontro da etnografia com o documentário cinematográfico. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 8, n. 1, p. 1-12, 2017. Disponível em: <https://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/13954>. Acesso em: 19 abr. 2025.

CLIFFORD, James; MARCUS, George E. **Writing culture**: the poetics and politics of ethnography. Berkeley: University of California Press, 1986.

DAVEL, Eduardo Paes Barreto; FANTINEL, Letícia Dias; OLIVEIRA, Josiane Silva de. Etnografia audiovisual: potenciais e desafios na pesquisa organizacional. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 26, n. 90, p. 579–606, jul./set. 2019. DOI: 10.1590/1984-9260909. Disponível em: www.revistaoes.ufba.br.

ELLIS, Carolyn. **The Ethnographic I**: A methodological novel about autoethnography. Lanham: Altamira Press, 2004.

FERRAZ, Ana Lúcia; CUNHA, Edgar Teodoro; HIKIJI, Rose Satiko Gitirana. O vídeo e o encontro etnográfico. **Cadernos de Campo**, v. 15, p. 287-298, 2006.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/8Qs4RRzTYC8Fsd8kg4SHvhN/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 30 out. 2024.

FREIRE, Március. A descrição visual em antropologia. O exemplo de Balinese Character. **Devires** – Cinema e Humanidades, v. 1, n. 1, 2003. Disponível em: <https://www.devires.org/produto/revista-devires-v-1-n-1/> Acesso em: 26 jan. 2025.

GEERTZ, Clifford. **Interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

KOHATSU, Lineu Norio. O uso do vídeo na pesquisa de tipo etnográfico: uma discussão sobre o método. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 25, p. 55-74, dez. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752007000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 nov. 2024.

INGOLD, Tim. **Antropologia: para que serve?** 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

INGOLD, Tim. **Linhas: uma breve história**. 1. ed. São Paulo: Editora Vozes, 2022.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Etnografia visual: reflexões sobre uma experiência de pesquisa entre os Kamaiurá. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n. 47, p. 5-24, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092001000200001>. Acesso em: 26 jan. 2025.

PEIXOTO, José Adelson Lopes; DE MENDONÇA, Vinícius Alves. A promessa de Clênio Karuazu: história e imagens da religião indígena no sertão de Alagoas. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 308, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/102840>. Acesso em: 15 nov. 2024.

ROUCH, Jean. **Cine-Ethnography**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.

SANTOS, Jenniffer Simpson dos. Dizer-mostrando na experiência de realização de um documentário etnográfico. **Ñanduty** – Revista de Estudos Latino-Americanos, Dourados, v. 7, n. 11, p. 89-103, 2019. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/nanduty/article/view/11840>. Acesso em: 19 abr. 2025.

SILVA, Liendria Marla Malcher. Cinema de beiras: narrativas audiovisuais, memória e agência no baixo rio Tapajós. **GIS – Gesto, Imagem e Som**, Revista de Antropologia, v. 8, p. 1-27, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2023.203168>. Acesso em: 19 abr. 2025.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. Tradução de João da Silva. São Paulo: Ubu, 1975.

Etnodocumentários:

AMAZÔNIA, o despertar da florestania. Direção: Christiane Torloni. Rio de Janeiro: Cinética Filmes, 2019. (92 min.) Documentário.

A ÚLTIMA floresta. Direção: Luiz Bolognesi. Roteiro: Davi Kopenawa. [S.l.]: Gullane, 2021. (74 min.) Documentário.

CABRA marcado para morrer. Direção: Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro: VideoFilmes, 1984. 1 DVD (119 min.), son., color.

GAÍN Pañan e a origem da pupunheira. Direção: Marcos Magalhães carvalho. Rio de Janeiro: Laboratório de Animação da UFRJ, 1995. (7 min). Curta-metragem, animação.

MÁSCARAS. Direção: Noémia Delgado. Lisboa: Radiotelevisão Portuguesa, 1976. (36 min.) Documentário etnográfico.

ÒRUN Àiyé: a criação do mundo. Direção: Jamile Coelho e Cintia Maria. Salvador: Museu Nacional, 2015. (12 min.) Animação.

SANTIAGO. Direção: João Moreira Salles. Rio de Janeiro: VideoFilmes, 2007. 1 DVD (80 min.), son., color.